

arte





**Da Amazônia
mitológica à
representação
fotográfica**

*Atilio Avancini
Wagner Souza e Silva*

Fotografias de Atilio Avancini

O modo de vida amazônico é desconhecido do grande público e essa desinformação é um dos argumentos do pouco combate governamental (gestão 2019-2022) à destruição das culturas indígenas e do meio ambiente. A encruzilhada desafiadora é saber qual Amazônia será herdada. O inferno seco ou o paraíso preservado? Diante dessa dicotomia, o fotógrafo Sebastião Salgado e a curadora Lélia Wanick Salgado promovem a exposição fotográfica *Amazônia* – cuja estreia brasileira se deu no Sesc Pompeia, em São Paulo, no primeiro semestre de 2022 –, esperançosos pelo caminho da sustentabilidade social e ecológica da região. Entre o documento e a ficção, as imagens fazem ruído sutil – como o do vento na folhagem – para denunciar e promover um movimento restaurador de valorização dos seres vivos existentes na biosfera amazônica: vegetal, animal e humano.

Resultado de sete anos de expedições fotográficas por terra, água e ar, o objetivo da mostra é a conscientização da biodiversidade, sustentabilidade de cadeias produtivas, conhecimento das populações indígenas e preservação de região estratégica. As imagens são testemunhos poéticos que argumentam a necessidade do ser humano participar efetivamente da proteção do meio ambiente. Para isso, o visitante é acolhido pela ambientação – como dentro da floresta –, envolto em sua vegetação e cercado pelo cotidiano das populações locais.

O projeto expográfico é uma cenografia, lugar produzido em que o visitante se aproxima da floresta olhando as árvores, as

ATILIO AVANCINI é fotógrafo e professor do Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP.

WAGNER SOUZA E SILVA é professor do Departamento de Jornalismo e Editoração e do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, ambos da ECA/USP.



vegetações, os frutos, os rios, as nuvens, as chuvas e a luz solar. A instalação organiza fotografias suspensas em alturas e espaços diferenciados para testemunhar os indígenas vivendo na Amazônia – retiram a riqueza necessária à sua sustentação sem agredi-la – e conhecer a vida da mata. O percurso expositivo é demarcado por ocas – sinuosas e avermelhadas –, promovendo o prazer em adentrá-las. Assim, toca-se o coração da floresta, envolvido pelos vídeos e criação sonora do músico francês Jean-Michel Jarre, embaixador da Boa Vontade da Unesco. Imagens e sons da natureza são aliados, percebe-se os seus benefícios na qualidade de vida dos próprios nativos, reproduz-se as sensações da mata com a trilha sonora – e espacial – diante do farfalhar de árvores, gritos de animais, canto

de pássaros, grave trovoar, fino chover, águas barrentas e vozes humanas.

Reza a ciência que o melhor caminho é a manutenção dos rios aéreos do oceano verde amazônico. De fato, o sistema ecológico da umidade do ar faz subir diariamente 20 bilhões de toneladas da selva em direção à atmosfera. Mais do que os 17 bilhões de toneladas de água que fluem do Rio Amazonas ao Oceano Atlântico. Os rios voadores são palavras-chave no padrão climático da Amazônia, do Brasil e do mundo. Por isso a ênfase das fotos aéreas para integrar ciência e arte. Os pesquisadores afirmam que a mudança do regime úmido dessas áreas pode interferir no aquecimento global. No período “seco” da Amazônia, entre junho e novembro, há cada vez menos água e a temperatura,



a oxigenação e a transparência dos rios vêm se alterando.

Há uma urgência por parte do casal Salgado para mostrar a Amazônia enquanto sobrevive, mas parece haver lentidão e engarrafamento no trânsito dos visitantes. A redução da Amazônia mitológica à representação emoldurada sinaliza surpresa e encantamento. Dentro das ocas, os vídeos projetam imagens coloridas, mas envoltas pelo mesmo silêncio monocromático das fotografias. Há mistérios revelados por olhares, atitudes, gestos e corpos, fazendo com que o emaranhado de cipós se transforme em local de reflexão para uma escalada sutil.

O espaço expositivo faz fé de que a humanidade não pode estar desfocada da ecologia, tampouco afastada de questões que envolvem a urbanização desenfreada que agride o meio ambiente. Nesse caso, o referencial figurativo baseado plasticamente no fotojornalismo é reiterado: o olhar con-

testador e crítico fundamenta essa complexa obra fotográfica da contemporaneidade. Sem sua máquina de produzir memória, Salgado nos deixaria sem história e histórias.

O espectador é impregnado por uma visão amazônica do mundo. Ao deixar claro o seu lugar, Salgado justifica a parceria fotógrafo-curador. Além do que, a exposição sustenta uma linguagem expressiva de como é possível fazer diferente em relação ao dispositivo fotográfico, brincando entre o estático e o dinâmico ou o concreto e o abstrato. A função política da imagem expositiva é produzir reflexão no desespero, vivificar o desalento e criar a sensação de justiça. Favorecido pela escrita, há uma preocupação com o referencial e o contexto das imagens para que sejam compreendidas dentro do foco curatorial. Como um documentário social, valoriza-se a preservação da Amazônia e a cultura dos povos originários. Por outro lado, o controle da imagem cede ao prazer con-

templativo da linguagem técnico-estética ao favorecer uma distância do espectador, que pode ser oferecida pelo acaso ou inesperado.

A urgência de *Amazônia* vai de encontro ao relatório científico, que levou dois anos para ser compilado, vinculado à Harvard University (Harvard Global Health Institute, 2021), sobre o surgimento de doenças pandêmicas como resposta biológica à destruição de florestas tropicais. A crise climática, o desmatamento e a expansão de áreas agrícolas aproximam humanos a rebanhos de animais silvestres e geram baixa diversidade genética. O transbordamento (do inglês *spillover*) de zoonoses provoca o salto de vírus de uma espécie para outra. Ou seja, a conservação ambiental na contemporaneidade é indispensável.

“O transbordamento de possíveis patógenos pandêmicos ocorre nas operações pecuárias; caça e comércio de vida selvagem;



O fotógrafo Sebastião Salgado em Paris, 2020

mudança no uso da terra – e em particular a destruição de florestas tropicais; expansão de terras agrícolas, especialmente perto de assentamentos humanos; e urbanização





rápida e não planejada” (Harvard Global Health Institute, 2021)¹.

Sabe-se que vai mais longe quem não estiver demasiadamente apressado. A questão brasileira do meio ambiente é delicada – o primeiro passo é cumprir a promessa de zerar o desmatamento ilegal até 2028 na maior floresta tropical do mundo, relatada pelo governo na última Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas, Escócia, 2021 (COP 26). Entretanto, para isso, a medida prioritária é a retomada da fiscalização em campo, principalmente do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e

dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama). Outra reativação seria a do Fundo Amazônia, criado em 2008 e gerido pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), que já financiou projetos socioambientais de organizações da sociedade civil e públicas.

Nesse sentido, é relevante notar que o resultado da última eleição para a Presidência do Brasil (gestão 2023-2026) já sinaliza a retomada de uma postura mais combativa à depredação da Amazônia, visto ser uma das bandeiras deste governo a reconquista de um papel protagonista na preservação da região. Obviamente, trata-se de postura que se dá em função de sua soberania sobre o território, mas o esperado é também uma abertura para uma internacionalização da discussão, reconhecendo a importância da Amazônia para a meta mundial voltada ao desenvolvimento sustentável e ambientalmente responsável. Postura que foi declarada na participação

¹ “The spillover of possible pandemic pathogens occurs from livestock operations; wildlife hunting and trade; land use change – and the destruction of tropical forests in particular; expansion of agricultural lands, especially near human settlements; and rapid, unplanned urbanization.”





do Brasil na COP 27 (Egito, 2022), e que ganha reforço pelo anúncio da Alemanha e Noruega em retomar os investimentos no Fundo Amazônia (Chade, 2022).

Essa reorientação se deu após um processo eleitoral inflamado por uma intensa propagação e circulação de *fake news* (notícia fraudulenta), sobretudo nas mídias sociais, cujos efeitos nefastos ainda permanecem ativos para dificultar a leitura da realidade. E é justamente em meio a este momento de intensa nebulosidade que as fotos de Salgado se mostram oportunas, uma vez que, em *Amazônia*, as fotografias buscam recuperar o olhar contemplativo, um olhar demorado e lento que é contraponto à fragmentação da atenção diante da profusão de estímulos e

informações do mundo eletrônico, que, por sua velocidade furiosa, tende a favorecer os processos de deturpação. Se o momento contemporâneo está irreal e/ou surreal, sua representação é também irreal e/ou surreal. É o mundo estranho em que vivemos sem o pensamento crítico aprofundado.

“A fotografia precisa se materializar, precisa ser impressa, vista, tocada...”, teria dito Salgado, para justificar sua assertiva de que na tela do celular “temos imagens, mas não fotografias” (G1, 2016). A fala, a princípio, soa contraditória, ao contrapor imagem e fotografia, e também exageradamente saudosista, sobretudo se observarmos que os celulares estão dotados de câmeras fotográficas cada vez mais refinadas e potencialmente



capazes de produzir imagens com a mesma profundidade técnica daquelas produzidas pelo fotógrafo; porém, a declaração deve ser considerada muito mais um convite à reflexão a respeito da inserção e impacto de sua obra frente às drásticas mudanças no consumo da fotografia que temos vivenciado nas quase duas últimas décadas.

Pois a experiência visual em *Amazônia* mobiliza muito mais do que as pontas dos dedos tocando as pequenas telas dos celulares infestadas por desinformação, uma vez que convida não só à contemplação, mas também ao movimento do corpo por entre um labirinto de fotografias, promovendo um certo acionamento de um espectador imerso na ambientação garantida pelo projeto expográfico. A mostra é a oportunidade para o abandono da fotografia, ainda que tardio, como mera ilustração. A fotografia aqui merece respeito, assim como os indígenas, as florestas e os rios. O tempo do olhar é ecológico. As majestosas impressões





fotográficas buscam se destacar da torrente das imagens midiáticas, por certo, mas são elas também objetos de comunicação, que trabalham a qualidade circular do ver, favorecendo a capacidade reflexiva do visitante, portanto, contra o processo superficial e linear do olhar que tende a imperar no universo da pequena tela. A imersão, que favorece a compreensão, reforça a resistência à hiperatividade.

As grandes fotografias em papel são espécies de resquícios de uma outra época da técnica, funcionando, assim, como interfaces ambivalentes, uma vez que tratam não somente da sobrevivência da floresta e seus povos, mas também da sobrevivência do próprio *modus operandi* fotográfico ali estruturado, sobretudo no que diz respeito à estratégia expositiva. Uma percepção que, de certa forma, é corroborada pelo próprio Salgado, a partir de sua afirmação de que “estamos em um processo de eliminação da fotografia”, em que ela viveria “por mais 20 ou 30



anos”, quando passaríamos “para outra coisa” (G1, 2016). Mas a verdade é que esta “outra coisa” já está instalada e em andamento, e muito bem representada por uma fotografia do cotidiano que foi definitivamente alçada a uma condição midiática inédita, em que produção e circulação se imbricam nas telas dos celulares conectados às mídias sociais, cujas dinâmicas de uso são fortemente pautadas por afetos, impulsionando usuários para o compartilhamento de emoções e opiniões de intimidade.

A rigor, mesmo buscando o mais reservado dos espaços expográficos para a veiculação de suas imagens, fica impossível a Salgado desvencilhar-se dessa realidade afetiva que envolve a imagem contempo-

rânea. Cabe observar que, situando *Amazônia* no conjunto de sua obra, podemos entendê-la como parte da guinada temática realizada pelo fotógrafo nos primeiros anos deste século, quando optou por exclusivamente dedicar-se à documentação da natureza e povos originários, abandonando as fotografias que traziam à tona as mazelas e dificuldades de populações em situação de vulnerabilidade social. Tais fotografias, da “dor dos outros”, que foram responsáveis por garantir-lhe a reputação que o posicionou como um dos grandes nomes da fotografia mundial, muitas vezes eram criticadas por sua tendência a estetizar a miséria humana. E esse conflito moral que suas imagens provocavam – ver beleza no



sofrimento alheio – seria a maior prova da habilidade de Salgado para explorar a linguagem fotográfica e instalar um verdadeiro curto-circuito afetivo em seu espectador.

A princípio, isso não parece ocorrer em *Amazônia*, que sugere uma fruição estética menos conturbada, uma vez que esse trabalho está regido por imagens belas, mas que são representações de cenas também belas. Mas isso não significa dizer que tais imagens não seriam capazes de deflagrar conflitos afetivos, pois, como já afirmado,

assumem a função política de produzir reflexão, o que inevitavelmente também estará envolvida por afetos. Afinal, assim como o branco e o preto das imagens permitem uma variedade de tonalidades e camadas, o que sempre foi muito bem manejado por Salgado, o medo (da destruição) e a esperança (pela preservação) são afetos que se impõem como balizas para seus espectadores, chamando-os à responsabilidade socioambiental para garantir a longevidade desse importante patrimônio mundial.

REFERÊNCIAS

- CHADE, J. “Com Lula, Noruega retomará recursos para Amazônia”. Portal UOL, 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2022/10/31/com-lula-noruega-retomara-recursos-para-amazonia.htm>. Acesso em: 15/11/2022.
- G1. “Sebastião Salgado prevê fim da fotografia ‘em 20 ou 30 anos’”. Portal G1, 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2016/10/sebastiao-salgado-preve-fim-da-fotografia-em-20-ou-30-anos.html>. Acesso em: 13/11/2022.
- HARVARD GLOBAL HEALTH INSTITUTE. “New report from Harvard and Global Experts shows investments in nature needed to stop the next pandemic”. Portal Global Health, 17/8/2021. Disponível em: <https://globalhealth.harvard.edu/new-report-from-harvard-and-global-experts-shows-investments-in-nature-needed-to-stop-the-next-pandemic/>. Acesso em: 6/10/2022.